

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS



# CONIMBRIGA



VOLUMES XXXII-XXXIII-1993/94

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

ÉLVIO MELIM DE SOUSA

Conservador dos Museus da Câmara Municipal de Sintra

CERÂMICA VIDRADA ROMANA PROVENIENTE DE TRÓIA  
DE SETÚBAL

«Conimbriga» XXXII-XXXIII (1993-1994), p. 359-369

RESUMO: Estudam-se fragmentos de cerâmica vidrada, datáveis do séc. I d. C.,  
provenientes de achados de superfície no sítio romano de Tróia.

RÉSUMÉ: On étudie 15 fragments de céramique romaine du I siècle de notre ère.  
Ce sont des trouvailles de surface au site de Tróia (Setúbal), en  
Lusitanie.

(Página deixada propositadamente em branco)

## CERÂMICA VIDRADA ROMANA PROVENIENTE DE TRÓIA DE SETÚBAL

A cerâmica vidrada romana constitui, ainda hoje, um dos mais seguros indicadores dos contactos comerciais entre vários locais do Mediterrâneo, sobretudo durante todo o século I d. C.

Na sua origem fabricada na Ásia Menor (Tarsus, Antioquia, Notion, Dura-Europos e Tshandarli), a técnica do vidrado de chumbo ter-se-á difundido (a partir do séc. I d. C.) para Ocidente, chegando, inclusivamente, a ser produzida na Itália, na Britânia, na Hispânia (?), na Germânia (?), e no sul da Gália, perdurando aqui até inícios do século III d.C.

Caracterizado por possuir pasta clara, pequena espessura de parede, tonalidade esverdeada e vidrado interno, este fabrico apresenta, todavia, grandes variações cromáticas, e mesmo diferentes cores de cobertura (externa e interna), bem como diversas texturas argilosas, cores de pastas e estilos decorativos, tornando-se, por vezes, muito difícil definir-se com clareza o seu exacto local de produção. Refira-se, no entanto, que esta diversidade de factores revela, por si só, a existência de múltiplas procedências.

A sua tipologia, não demasiadamente vasta, inclui sobretudo formas características e/ou aparentadas com as dos vasos metálicos e das cerâmicas de paredes finas, possuindo uma difusão muito restrita e típica dos produtos de luxo. Este facto prender-se-á certamente com as exigências do seu fabrico (duas cozeduras, apuramento, vidrado e argila de boa qualidade) e consequente encarecimento do produto.

Publicada pela primeira vez em Portugal somente em 1957 (<sup>1</sup>), a cerâmica vidrada a verde apenas foi detectada, até agora, em seis lo-

(<sup>1</sup>) RIBEIRO, F. Nunes, OLEIRO, J. M. Bairão e VIANA, A.. 1957, p. 459.

cais<sup>(2)</sup>: Monte do Farrobo (Aljustrel); Lobeira Grande; Conímbriga; Tróia de Setúbal; Paredes (Alenquer) e Alcácer do Sal<sup>(3)</sup>.

A situação geográfica dos achados denuncia uma dispersão marítima pelo Mediterrâneo até aos grandes portos da orla peninsular, a partir dos quais seguiriam alguma via fluvial ou terrestre de penetração para o interior. Recorde-se que o local mais a norte do nosso território onde foi exumada cerâmica vidrada romana é Conímbriga, o que pode até ser explicado pela relativa importância da cidade, sendo, pois, crível, neste caso, que o seu abastecimento se processasse a partir de *Olisipo* e daqui seguindo uma rota pela via *Olisipo-Bracara Augusta* (*It. Ant.* 420.8-422.1).

Em Espanha, o panorama é praticamente idêntico, a ter em linha de conta o inventário de M. Ribas Bertrán <sup>(4)</sup>, de 1965, e também o de Miguel Beltrán<sup>(5)</sup>, de 1990, onde nos dá conhecimento de um total de 36 estações que forneceram cerâmica vidrada romana.

De qualquer dos modos, e apesar da tese de dispersão mediterrânica oriente-ocidente ser ainda aceite por alguns, autores há que aliam o facto da grande densidade de achados no ocidente do Império (em relação ao oriente), à existência de centros produtores localizados no oeste mediterrânico, essencialmente durante e a partir do século I d. C. Ressalve-se, contudo, que as densidades de achados podem ser por vezes falaciosas, até porque, neste caso específico, as mesmas deveriam equilibrar-se, como consequência da existência de centros de fabrico e a sua grande produtividade tanto no oriente como no ocidente, o que manifestamente não acontece.

Para os achados portugueses não possuímos indicações concretas quanto aos respectivos centros produtores. Assim, para o fragmento já publicado de Tróia de Setúbal, é adiantada a possibilidade de ter Tarsus como provável centro de fabrico, não sendo, no entanto, de excluir a

(<sup>2</sup>) Monte do Farrobo: ANDRADE, R. Freire d' 1963-64, pp. 115-123; Lobeira Grande: RIBEIRO, F. Nunes, *et alti, ib.*, pp. 454-459; Conímbriga: COMFORT, H., 1961, pp.13 ; PEREIRA, M. A. Horta, 1970, pp. 49-54; ALARCÃO, J., 1976, pp. 39-42 e pp. 151 (Pl. XXXII); QUINTEIRA, A. J. Ferreira, 1984, pp. 103-110; Tróia de Setúbal: PEREIRA, M. A. Garcia, *ib.*, pp. 145-154; Paredes: PEREIRA, M. A. Horta, *ib.*, pp. 1-30.

(<sup>3</sup>) Agradecemos ao Dr. A. M. Dias Diogo a informação relativa a Alcácer do Sal.

(<sup>4</sup>) RIBAS BERTRÁN, M., 1965, pp. 164 e 165.

(<sup>5</sup>) BELTRÁN, M., 1990, p. 190.

hipótese de um forno no sul da Gália<sup>(6)</sup>. Miguel Beltrán <sup>(7)</sup> refere ainda para este fragmento uma procedência itálica, como a mais apropriada. Para o *skyphos* de Paredes (Alenquer) propõe-se uma proveniência gálica, mas, pelo seu “sabor demais grego” (*sic*), é igualmente sugerido um centro de fabrico do Mediterrâneo Central (Sicília?) <sup>(8)</sup>. Adianta-se também a hipótese de Tarsus como local de produção <sup>(9)</sup>. Para os fragmentos exumados em Conímbriga não é proposto qualquer centro de fabrico, quer no trabalho de Jorge Alarcão<sup>(10)</sup>, quer no artigo de António José Quinteria <sup>(11)</sup>. Beltrán refere, no entanto, a possibilidade de se localizarem na Itália do Norte, na Central, ou, ainda, em Tarsus <sup>(12)</sup>. De igual modo, não se adiantam quaisquer proveniências prováveis para as peças da região de Beja (Monte do Farrobo e Lobeira Grande) na bibliografia portuguesa. Para estes fragmentos M. Beltrán <sup>(13)</sup> propõe a Itália para os exumados na Lobeira Grande e o norte da Itália ou o sul da Gália para o vaso achado no Monte do Farrobo (Aljustrel).

Uma das formas mais produzidas e talvez mesmo a de maior difusão, quer nos fabricos orientais quer nos ocidentais, da denominada cerâmica vidrada a verde, parece ser o *skyphos* e suas variantes. Em Portugal, encontra-se patente em quatro das seis estações que forneceram este tipo cerâmico - Paredes, Conímbriga, Monte do Farrobo e Tróia de Setúbal - sendo, pois, a forma percentualmente mais representada entre nós.

Quanto à gramática decorativa, ela é na sua essência vegetalista e geométrica, tanto nos vasos moldados, com aplicações ou executados a barbotina, podendo adiantar-se para estes estilos uma cronologia de entre o século I d.C. e os inícios do século III d.C.. As representações figurativas, mais raras, são atribuídas geralmente a estratos datáveis do séc. I d.C., estendendo-se apenas até aos inícios da centúria seguinte.

De entre as peças exumadas no território português, são os motivos vegetalistas os mais comuns. Estão patentes em nove dos dezasseis fragmentos detectados na Lobeira Grande (embora um deles apresente

<sup>(6)</sup> PEREIRA, M. Garcia, *ib.*, p. 152.

<sup>(7)</sup> BELTRÁN, M., *ib.*, p. 188.

<sup>(8)</sup> PEREIRA, M. A. Horta, p. 10.

O BELTRÁN, M., *ib.*, p. 188.

<sup>(10)</sup> ALARCÃO, J., 1976.

<sup>(11)</sup> QUINTERIA, A. J. Ferreira, 1984.

C<sup>2</sup>) BELTRÁN, M., p. 188.

O<sup>3</sup>) *id.*, *ib.*.

uma decoração mista) e em pelo menos cerca de metade do total dos fragmentos conimbricenses. O vaso encontrado no Monte do Farrobo possui três fiadas de ‘pétalas’ ou ‘escamas’ relevadas, sendo impossível, pois, incluí-lo numa decoração vegetalista. Neste estilo decorativo (vegetalista) não pode igualmente ser inserido o *skyphos* de Paredes, pois apenas apresenta elementos figurativos.

Para os fragmentos de Tróia de Setúbal ora em análise, podemos sugerir como prováveis locais de produção, segundo Miguel Beltrán, o norte da Itália para o fragmento nº 1, o sul da Gália ou a Itália Central para os nº 2, 7, 9 e 10, o sul da Gália para os nº 3, 5, 6, 12, 13, 14 e 15 e a Itália Central para os nº 4, 8 e 11. Não nos repugna, todavia, a hipótese de um centro de fabrico localizado no Mediterrâneo Oriental, sobretudo para os fragmentos de melhor qualidade (nº 1, 2, 9 e 10).

Cronologicamente, todas as peças que apresentamos parecem inserir-se no século I d. C.. A apreciação das suas características específicas, porém, permite-nos sugerir os inícios do século I d.C. para o fragmento nº 1; os meados do século I d.C. para os fragmentos nº 2, 7, 9 e 10, a segunda metade do século I d.C. para os fragmentos nº 12 e 14 e os finais desta mesma centúria para os fragmentos nº 4, 8 e 11, e talvez ainda para os nº 3, 5, 6, 13 e 15.

#### CATÁLOGO:

Nº 1 - Fragmento de bordo e parede com arranque de asa de vaso.

Forma: *skyphos*.

Diâmetro: 72 mm.

Pasta: bege-acastanhada de tom muito escuro, de grão médio, com impurezas visíveis, dura, sonora, porosa, de fractura irregular.

Cobertura: externa / vidrado verde oliva com muitas flutuações de tom, apresentando ainda uma tonalidade azulada clara em praticamente todo o fragmento, sendo escura nas zonas onde há acumulação de cobertura; interna / vidrado cor-de-mel de tom claro e amarelado, com uma mancha verde junto ao ressalto e parte superior do bordo interno, espesso, brilhante.

Decoração: apresenta na parede do vaso uma decoração moldada, constituída por um friso de pinhas relevadas que se alternam com elementos separadores verticais, praticamente ao nível superior da asa em forma de argola, a qual, por sua vez, é encimada por uma superfície plana e decorada com uma flor-de-lis estilizada que, partindo do lábio, adere à parede na sua zona superior.

Nº 2 - Fragmento de bordo e parede lateral de vaso.

Forma: *skyphos*.

Diâmetro: 69mm (exterior).

Pasta: bege muito clara, de grão médio, com impurezas, dura, sonora, porosa.

Cobertura: externa / vidrado verde com flutuações de tom (muito escuro junto ao bordo), espesso, brilhante; interna / vidrado cor-de-mel (não homogéneo), apresentando junto ao ressalto e topo do bordo interno, uma tonalidade acastanhada devido à acumulação de cobertura, algo menos espesso que o exterior, brilhante.

Decoração: vegetalista, em relevo (barbotina), apresentando uma folha de hera e, sob esta, o troço de um pedúnculo, o qual seria, provavelmente, rematado por outra folha de hera, formando no conjunto um friso.

Nº 3 - Fragmento de bordo e parede de vaso carenado.

Forma: não conseguimos encontrar um paralelo exacto dentro do repertório da cerâmica vidrada romana, pelo que remetemos para as formas Mayet XXV e Drag. 29 b e ainda para o fragmento vidrado já publicado de Tróia de Setúbal (M. A. Garcia PEREIRA, 1971).

Pasta: castanha-acinzentada, de tom escuro, de grão médio, dura, sonora, pouco porosa, de fractura regular.

Cobertura: externa / vidrado castanho-amarelado, muito adulterado, espesso; interna / vidrado idêntico ao da cobertura externa, mas de tonalidade mais clara.

Decoração: apresenta duas feiras de pérolas, uma abaixo da pequena canelura inscrita logo a seguir ao bordo (mamilos?) e outra sobre e imediatamente depois da carena do vaso.

Nº 4 - Fragmento de fundo liso de pequeno vaso com pé em anel, com muitas probabilidades de pertencer a uma mesma peça juntamente com o fragmento nº 8.

Forma: *skyphos*.

Diâmetro: 68 mm (a nível do limite exterior do anel).

Pasta: bege-acastanhada escura, de grão médio, com muitas impurezas, dura, porosa, de fractura não rectilínea.

Cobertura: externa / vidrado verde oliva, com muitas flutuações de tom, não homogéneo, espesso, brilhante, muito irisado; interna / vidrado cor-de-mel, homogéneo, muito espesso, brilhante.

Nº 5 - Fragmento de bordo de vaso.

Forma: indeterminável (Mayet XXXVII-XXXVIII?).

Pasta: laranja-acastanhada escura, de grão fino, dura, porosa, de fractura rectilínea, apresentando ainda uma mancha de cozedura cinzenta.

Cobertura: externa / vidrado castanho-amarelado, de tom escuro, com laivos esverdeados, espesso, brilhante, denotando-se uma cor castanha escura nas zonas onde houve acumulação de cobertura; interna / vidrado verde-amarelado, com tonalidades castanhas, espesso, brilhante.

Decoração: apresenta na parede do vaso, um pouco abaixo do bordo, uma pérola e parte de outra.

Nº 6 - Apresenta uma descrição idêntica à do fragmento nº 5.

Decoração: o fragmento possui logo abaixo do bordo, mas já na parede do vaso, uma pequena pérola, bem como, talvez, o arranque de outra (pequenos mamilos?).



**Nº 7** - Asa de argola completa encimada por uma superfície plana.

Forma: *skyphos*.

Pasta: bege-acastanhada, de tonalidade algo escura, de grão médio, com algumas impurezas, muito dura, porosa, de fractura não rectilínea. Cobertura: externa / vidrado verde oliva, muito escuro (praticamente negro nas zonas de escorrimento), com laivos amarelados, não homogéneo, espesso, não muito brilhante; interna / vidrado cor-de-mel, de tom claro, espesso, brilhante.

Decoração: apresenta uma protuberância em relevo, arredondada, visível no plano frontal e situada à altura em que a asa vertical se une à secção superficial plana que a encima, como ainda um pequeno mamilo, inscrito lateralmente, logo acima da asa.

**Nº 8** - Fragmento de parede com arranque de asa de vaso.

Forma: indeterminável.

Pasta: Beige-acastanhada escura, de grão médio, com impurezas, dura, pouco sonora, porosa, de fractura não rectilínea.

Cobertura: externa / vidrado verde oliva claro, com muitas flutuações de tom, com reflexos metálicos, espesso, brilhante; interna / vidrado cor-de-mel, com flutuações de tom, homogéneo, espesso, brilhante.

Decoração: apresenta, executado a barbotina, um mamilo (pérola?) em relevo, inserto logo abaixo do arranque da asa, como ainda, sob este último, e à sua esquerda, algumas protuberâncias relevadas que pertencem aos elementos decorativos do vaso, os quais, infelizmente, não são identificáveis.

**Nº 9** - Fragmento de parede de vaso.

Forma: indeterminável.

Pasta: bege-acastanhada escura, de grão médio, com impurezas, dura, pouco sonora, algo porosa, de fractura não rectilínea.

Cobertura: externa / vidrado verde-amarelado, com flutuações de tom, não homogéneo, espesso, brilhante; interna / vidrado cor-de-mel, algo escuro, espesso, homogéneo, brilhante.

Decoração: apresenta uma decoração em relevo (barbotina) composta por feiras de “cachos” de uvas estilizados e de pequenas flores circulares que preenchem toda a superfície da peça, as quais se inscrevem nos topos superior e inferior dos “cachos”, intercalando-os.

**Nº 10** - Apresenta uma descrição em tudo idêntica à do fragmento nº 9. Talvez pertença ao mesmo vaso.

**Nº 11** - Fragmento de parede de vaso.

Forma: indeterminável.

Pasta: bege-acastanhada escura, de grão grosseiro, com muitas impurezas, dura, porosa, de fractura ligeiramente rectilínea.

Cobertura: externa / vidrado verde, com muitas flutuações de tom, não homogéneo, espesso brilhante, muito irisado; interna / vidrado cor-de-mel, homogéneo, muito espesso, brilhante.

Decoração: ostenta decoração relevada, apresentando-se esta em muito mau estado de conservação, pelo que não podemos indicar aqui um motivo concreto, embora nos pareça ser de aceitar a hipótese dos vestígios existentes pertencerem a motivos vegetalistas.

Nº 12 - Fragmento de parede de vaso.

Forma: indeterminável.

Pasta: acastanhada, de tonalidade escura, de grão fino, com impurezas, dura, sonora, pouco porosa, de fractura regular, apresentando uma mancha de cozedura de tonalidade acinzentada.

Cobertura: externa / vidrado castanho-amarelado, de tom um pouco escuro, espesso, brilhante; interna / vidrado verde-acastanhado, espesso, brilhante.

Decoração: apresenta uma decoração em relevo, composta, muito provavelmente, por um botão de flor (remate de um caule), embora pelas suas reduzidíssimas dimensões nos seja impossível adiantar algo mais.

Nº 13 - Apresenta uma descrição idêntica à do fragmento nº 6.

Decoração: existente, mas impossível de determinar, parecendo-nos, no entanto, ser de aceitar a hipótese de se tratar de motivos vegetalistas.

Nº 14 - Fragmento de parede de vaso carenado.

Forma: indeterminável.

Pasta: Acastanhada, de tonalidade escura, de grão médio, com impurezas, dura, sonora, pouco porosa, de fractura rectilínea, apresentando ainda uma mancha de cozedura.

Cobertura: externa / vidrado castanho algo esverdeado, de tonalidade muito escura, espesso, brilhante, apresentando ainda, por acumulação de cobertura manchas muito escuras junto às concavidades; interna / vidrado idêntico ao externo, mas mais claro, não homogéneo, espesso, brilhante.

Decoração: apresenta uma decoração em relevo inserta na parede sobre a carena e composta por elementos vegetalistas - troços de pedúnculos, caules e folhas, denotando ainda algumas elevações semelhantes a mamilos, se bem que incipientes.

Nº 15 (peça não desenhada) - Fragmento de parede de vaso.

Forma: indeterminável.

Pasta: castanha-acinzentada, de tom muito escuro, de grão médio, dura, pouco porosa, de fractura irregular.

Cobertura: externa / vidrado castanho-amarelado, de tom muito escuro, espesso, brilhante, algo irisado; interna / vidrado verde-amarelado, de tom escuro, mas mais claro que o da cobertura externa, espesso, pouco brilhante, algo irisado.

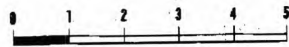
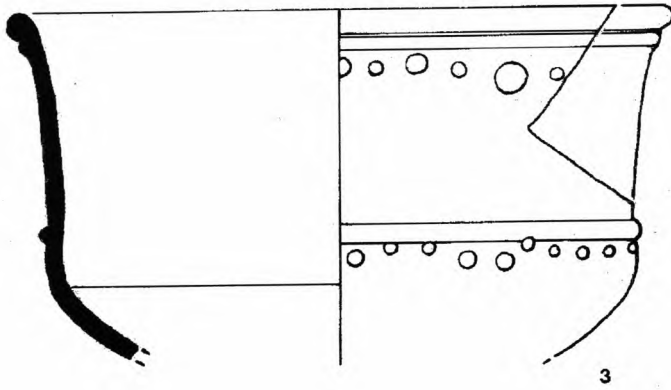
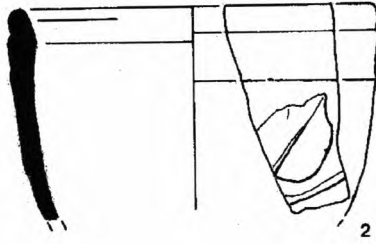
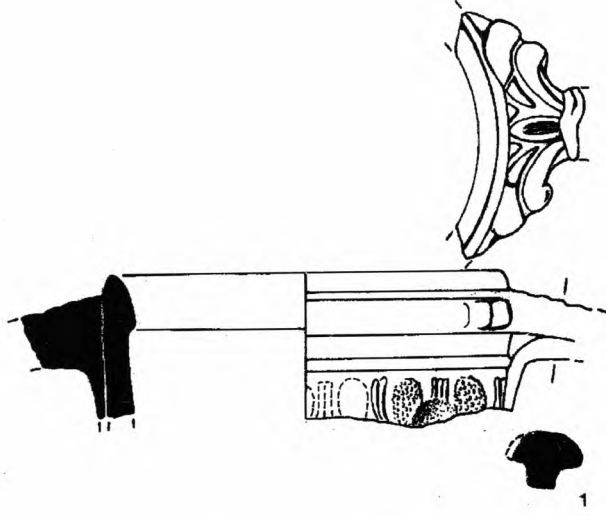
BIBLIOGRAFIA

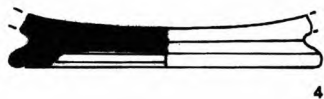
- ALARCÃO, J., 1968, “Une Coupe à Fond d’ Or Découverte à Farrobo, Portugal”, *Jornal of Glass Studies*, X, pp. 71-79.
- ALARCÃO, J., 1974, “A Necrópole do Monte Farrobo (Aljustrel)”, *Conimbriga*, Coimbra, vol. XIII, pp. 1 a 27.
- ALARCÃO, J., 1976, “Céramique a Glaçure Plombifère”, *Fouilles de Conimbriga*, t. VI, Paris, pp. 39-42 e p. 51.
- ALMAGRO CORBEA, M., 1966-67, “Nuevas Aportaciones para el Estudio del Ajuar de la Sepultura 20 de la Necropolis de Farrobo (Aljustrel)”, *Archivo de Beja*, vol. XXIII-XXIV, pp. 213-223.
- ANDRADE, R. Freire d’e FERREIRA, O. da Veiga, 1967, “Um vaso Lusitano-Romano com vidrado de chumbo, encontrado no Monte do Farrobo-Rio de Moinhos”, *Revista de Guimarães*, vol. LXXVII, pp. 109-114.
- ANDRADE, R. Freire d’, 1963-64, “A Sepultura número 20 do Cemitério Lusitano-Romano do Farrobo”, *Archivo de Beja*, vols. XX-XXI, pp. 115 a 123.
- BELTRÁN, M., 1990, *Guía de la Cerámica Romana*, Zaragoza, pp. 187-189 e figs. 92 e 93.
- COMFORT, H., 1961, “Roman Ceramics in Spain: an exploratory visit”, *Archivo Español de Arqueología*, XXXIV, pp. 3 a 7.
- LÓPEZ MULLOR, A., 1980, “De Nuevo Sobre la Cerámica Vidriada de Mataró”, *Quaderns de Prehistoria i Arqueologia del Maresme*, vols. 11-12, pp. 408-421.
- LÓPEZ MULLOR, A., 1981, “Notas para una clasificación de los tipos más frecuentes de la cerámica vidriada romana en Cataluña”, *Ampurias*, t.43, Barcelona, pp. 201-215.
- MAYET, F., 1975, *Les Céramiques a Parois Fines dans la Péninsule Ibérique*, Paris.
- PÁZ PERALTA, L., 1980, “Cerámicas Vidriadas. Vidrios”, *Atlas de Prehistoria y Arqueología Aragonesa*, I, Zaragoza.
- PEREIRA, M. A. Garcia, 1971, “Fragmento de Vaso Vidrado a Verde da Estação Romana de Tróia (Setúbal)”, *O Arqueólogo Português*, vol. V, Lisboa, pp. 145-154.
- PEREIRA, M. A. Horta, 1970, “O Dolium Cinerário, com Skyphos Vidrado a Verde da Necrópole de Paredes (Alenquer)”, *Conimbriga*, IX, Coimbra, pp. 1-30.
- QUINTEIRA, A. J. Ferreira, 1984, “Duas Peças de Vidrado a Verde Achadas em Conimbriga”, *Conimbriga*, XXIII, Coimbra, pp. 103-110.
- RIBAS BERTRÁN, M., 1965, “Cerámica vidriada romana de Mataró”, *Pyrenae*, I.
- RIBEIRO, F. Nunes, OLEIRO, J. M. Bairrão, VIANA, A., 1957, “Breve Nota sobre a Estação Romana da Lobeira Grande (Beja)”, *Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, t. VIII, Coimbra, pp. 453-459.
- SÁNCHEZ, J. C., 1992, “Cerámica Vidriada”, *Arcóbriga*, II, Zaragoza, pp. 227-229 e p. 309 (Lám. II, nº 1).

NOTAS:

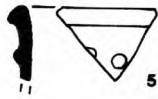
\* As peças objecto deste estudo pertencem ao Dr. Eurico Sepulveda, a quem agradecemos a cedência das mesmas.

\*\* Os desenhos apresentados devem-se a Helena Martins Figueiredo.



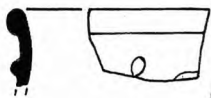


4



11

5



6



7



8



9



10



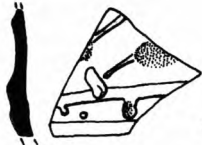
11



12



13



14

